

Coleção Envelhecimentos Plurais, 1

A Coleção Envelhecimentos Plurais visa apresentar ao público amplo e ao mercado editorial obras acadêmicas e literárias que digam respeito aos grandes temas relacionados aos envelhecimentos e velhices na contemporaneidade. Concebendo os envelhecimentos e velhices em seu caráter plural, multifacetado, complexo e heterogêneo e abarcando tanto temas clássicos quanto contemporâneos, a Coleção Envelhecimentos Plurais pretende acolher obras de variados campos, disciplinas e das múltiplas ciências do envelhecimento, entre elas: a antropologia social, a gerontologia, a geriatria, a história, a psicologia, o serviço social, a sociologia, a terapia ocupacional, entre muitas outras. Abrindo espaço para autores/as de todas as idades — com atenção especial a autorias de pessoas idosas — um dos propósitos da coleção é garantir a circulação e divulgação de obras inovadoras e que contribuam para o avanço do conhecimento disponível sobre os desafios e as oportunidades relacionadas às etapas mais avançadas do curso da vida.

Comissão Editorial

Carlos Eduardo Henning - UFG
Guita Grin Debert - Unicamp
Julio Assis Simões - USP

Conselho Editorial

Adriane Nascimento - FIC/UFG
Alda Britto da Motta - UFBA
Alexandre da Silva - FMJ/ILC - Brasil
Andrea Lacombe - UNC
Andrea Moraes Alves - UFRJ
Cornelia Eckert - UFRGS
Ernesto Meccia - UBA
Gustavo Saggese – University of California
San Francisco
Jorge Félix - EACH/USP
Raphael Bispo - UFJF
Ricardo Iacub - UBA
Sandra Regina Mota Ortiz - USJT
Sandro Rodrigues - UFG
Theóphilos Rifiotis - UFSC

O Brilho das Velhices

LGBT+

Vivências e narrativas de pessoas LGBT 50+

O Brilho das Velhices LGBT+

Vivências e narrativas de pessoas LGBT 50+

Luis Baron
Carlos Eduardo Henning
Sandra Regina Mota Ortiz

Organizadores

HUCITEC EDITORA

© Direitos autorais, 2021,
da organização de, Luis Baron,
Carlos Eduardo Henning
& Sandra Regina Mota Ortiz
© Direitos de publicação reservados por
Hucitec Editora Ltda.
Rua Dona Inácia Uchoa, 209
04110-020 São Paulo, SP.
Telefone (55 11 3892-7772)
www.huciteceditora.com.br

Depósito Legal efetuado.

Direção editorial: MARIANA NADA
Produção editorial: KÁTIA REIS
Assessoria editorial: MARIANA TERRA
Circulação: ELVIO TEZZA

Ilustrações, arte e capa: MESSIAS SOUZA

1.ª edição, outubro de 2021.

Apoio:



CIP-Brasil. Catalogação na Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

B866

O brilho das velhices LGBT+: vivências e narrativas de pessoas LGBT 50+ / organização Luis Baron, Carlos Eduardo Henning, Sandra Regina Mota Ortiz. - 1. ed. - São Paulo : Hucitec, 2021.

289 p. ; 23 cm. (Envelhecimentos plurais ; 1)

Inclui índice
ISBN 978-85-8404-214-2

1. Homossexuais - Biografia - Brasil. 2. Lésbicas - Biografia - Brasil. 3. Transexuais - Brasil - Biografia. 4. Identidade de gênero - Brasil. 5. Envelhecimento. 6. Envelhecimento - Aspectos sociais - Brasil. I. Baron, Luis. II. Henning, Carlos Eduardo. III. Ortiz, Sandra Regina Mota. IV. Série.

21-73135

CDD: 920.9306760981
CDU: 929-055.3(81)

Camila Donis Hartmann - Bibliotecária - CRB-7/6472

SUMÁRIO

- 11 VELHICES LGBT+ — PRETÉRITAS, PRESENTES, FUTURAS E VISÍVEIS!**
Rogério Pedro da Silva, Luis Baron
- 15 PREFÁCIO**
DIVERSIDADE, ENVELHECIMENTO E O PAPEL DA UNIVERSIDADE NA CONSTRUÇÃO DIALÓGICA
Sandra Regina Mota Ortiz, Priscila Larcher Longo, José Maria Montiel
- 25 APRESENTAÇÃO**
ENXERGANDO OS INVISÍVEIS
Diego Félix Miguel, Milton Roberto
- 29 INTRODUÇÃO**
QUEM TEM MEDO DAS VELHICES LGBT+? LANÇANDO HOLOFOTES SOBRE MÚLTIPLAS VOZES NAS TRAMAS DE ENVELHECIMENTOS E DIVERSIDADES SEXUAIS E DE GÊNERO
Luis Baron, Angelo Della Croce, Carlos Eduardo Henning

- 47 DENISE TAYNÁH: VOCÊ NÃO QUER QUE AS PESSOAS TE RESPEITEM?**
Denise Taynáh Santos França
- 57 DORA: SOU MUITO MOVIDA PELO AMOR**
Dora Cudignola
- 69 JOSÉ CARLOS: PODEM ME CHAMAR DE KERUA**
José Carlos dos Santos (Kerua)
- 79 CLÁUDIA: TRANSITO ENTRE AS PERFORMANCES**
Claudia Reis dos Santos
- 87 RAICARLOS: LUTAR É PARA QUEM ESTÁ VIVO**
Raicarlos Coelho Durans
- 105 MARIA RITA: MUITO BEM CASADA**
Maria Rita Gurgel Pinto de Lemos
- 117 JENER: ESTOU TENDO DE ME REINVENTAR**
Jener Freire
- 129 JACQUELINE CHANEL: UMA RESPOSTA DE DEUS PARA MINHA VIDA**
Jacqueline Chanel
- 143 SILVINHA: UMA TRANSIÇÃO E MUITAS INTERROGAÇÕES**
Silvia Aparecida Andrade
- 153 ARY: HOJE EU POSSO VIVER!**
Ary D'Almeida Mattos
- 169 GIL: HOJE, ESTOU LIBERTO**
Givanildo de Jesus Santos

- 179 RAQUEL: MEDO DE PERDER A INDEPENDÊNCIA**
Raquel Almeida
- 189 MÁRIO LÚCIO & OLI: A VIDA, A ARTE E AS MULETAS**
Mário Lucio Loura
- 199 FLÁVIO: PARA EU SER QUEM EU SOU**
Flávio Antônio de Araújo Medeiros
- 211 ESTHER: O TEATRO SEMPRE ESTEVE EM MIM**
Esther Antunes
- 221 ANDRÉ PASCHOAL: POR UMA SEXUALIDADE ATIVA AOS 70**
Paulo André Paschoal Costa Martins Seixas
- 231 BRANDÃO: A ESSÊNCIA DO QUE BUSQUEI ESTÁ COMIGO**
Waldemir Brandão da Silva
- 243 MÔNICA PITA: SOU UMA RESISTÊNCIA VIVA**
Mônica Aparecida Pita Corrêa
- 253 MARCOS: NÃO ME SINTO BEM EM UM NICHO**
Marcos Antônio Nicolau
- 263 GUILHERME: O TRANS PARA MIM É UM ADJETIVO**
Guilherme Silva de Almeida

VELHICES LGBT+ — PRETÉRITAS, PRESENTES, FUTURAS E VISÍVEIS!

Rogério Pedro da Silva

Luis Baron

A Associação EternamenteSOU foi criada a partir de um desejo do seu atual presidente, de prestar um serviço relevante à comunidade LGBT+. Algumas perguntas foram responsáveis pela criação da Associação. Quem são as pessoas velhas dessa comunidade? Onde elas estão? Quais as demandas dessas pessoas? Como é ser uma pessoa velha LGBT+?

A profundidade dessas questões acabou por despertar o interesse de algumas pessoas que se somaram a esses questionamentos. A necessidade de um fórum para esses debates ficou evidente e, em 2017, foi criado o “I Seminário de Velhices LGBT+”. Gerontólogas/os antropólogas/os, filósofas/os e pessoas leigas fizeram parte desse

momento pioneiro nas questões das velhices LGBTQ+ no Brasil e no mundo.

Com o propósito de prestar um cuidado psicossocial para as velhices LGBTQ+, surgiu a Associação EternamenteSOU. Hoje somos reconhecidos nacional e internacionalmente, como uma das poucas entidades no mundo, voltada para esse tema e cujos resultados podem ser comprovados pela nossa lida diária.

Mesmo vivendo tempos sombrios, não só pela vigência de uma pandemia que afetou o mundo e que já ceifou mais de 570 mil vidas no Brasil, mas também pelo momento político brasileiro, tão obscuro, temerário e genocida, a Associação EternamenteSOU cresceu. Para além do atendimento psicossocial da população LGBTQ+ 50+, somos hoje difusores de conhecimento sobre essa população.

As velhices são tratadas hegemonicamente como heterossexuais, sem lugar para as diversidades que as compõem. Partindo desse caráter hegemônico, todas as necessidades que a comunidade LGBTQ+ tem, ao chegar à velhice, não são reconhecidas e sofrem um apagamento por parte do poder público, da sociedade e dentro da própria comunidade LGBTQ+. O olhar monolítico sobre as velhices, assim como para todas as questões sociais é sempre uma receita para a opressão e castra os direitos individuais.

A obra aqui apresentada é fruto da maturidade que a EternamenteSOU vem adquirindo ao longo do tempo. Apesar de jovem, mergulhamos de cabeça nas questões das velhices LGBTQ+. A necessidade de criar um espaço para as narrativas de pessoas que colaboraram e colaboram na construção do movimento LGBTQ+ no Brasil e que são pessoas vivas, com suas vidas presentes e futuras, surge como reflexo desse amadurecimento como entidade.

A diversidade colocada nessa obra é reflexo do nosso país, da nossa sociedade, assim como o silenciamento e a invisibilidade da população LGBTQ+ 50+ também o são.

Nenhuma velhice é igual a outra, porém, como grupo social, as pessoas velhas LGBTQ+ enfrentam questões muito peculiares a esse grupo, que possui diferentes níveis de entendimento e representatividade. Viver uma orientação sexual ou identidade de gênero dissidente, ainda é um ato de coragem. Imaginem isso há 40 ou 50 anos, onde viver como se é, exigia romper com suas redes familiares, na maioria dos casos.

Os reflexos desse rompimento fazem das velhices LGBTQ+, um grupo extremamente vulnerável, pela velhice e pela necessidade de viver plenamente as diversas orientações sexuais e identidades de gênero que fogem da heteronormatividade vigente. Olhar a velhice sem considerar a sexualidade das pessoas, é menosprezar uma parte extremamente relevante das suas vidas.

A Associação EternamenteSOU tem por missão, além do cuidado psicossocial das velhices LGBTQ+, fomentar um amplo debate sobre essas questões e colaborar para que nenhuma velhice seja invisibilizada, no caso das velhices LGBTQ+, duplamente invisibilizadas.

Nosso trabalho teve início nos idos de 2017, com uma panfletagem no largo do Arouche, reduto LGBTQ+ da capital paulistana. Nosso presidente saiu às ruas divulgando suas ideias e foi agregando pessoas em torno delas. Hoje estamos em São Paulo e no Rio de Janeiro. Contamos com mais de 140 pessoas voluntárias. Realizamos em agosto passado o IV Seminário de Velhices LGBTQ+, totalmente virtual. Em julho de 2021, em parceria com a SBGG-RJ, lançamos o livro “Introdução às Velhices LGBTQ+”.

Entre nossos serviços estão o atendimento psicológico, apoio jurídico, projeto de empregabilidade, projeto “Fome de Atitude”, que em tempos de pandemia distribui cestas básicas para as pessoas em vulnerabilidade alimentar. Durante a pandemia, nossos assistidos puderam socializar, fazer cursos e muitas outras atividades, sempre *on-line*, graças às salas diárias de vídeo conferência, hoje

com mais de 760 horas ao vivo e cerca de 3.500 participações. Esses são apenas algumas das muitas atuações que temos desenvolvido.

A obra que apresentamos aqui é fruto de um processo colaborativo intenso, entre essa Associação, entidades de ensino superior, profissionais da literatura, artistas e de um voluntariado altamente comprometido. Uma das condições para que essa obra existisse foi a qualidade do conteúdo, assim como a apresentação desse produto.

Nossa gratidão eterna aos parceiros, voluntários e sobretudo às pessoas cujos depoimentos contribuíram para dar vida a essa obra:

Cadu – Prof. Dr. Carlos Eduardo Henning (Universidade Federal de Goiás), Sandra – Profa. Dra. Sandra Regina Mota Ortiz (Universidade São Judas), Angelo – Angelo Della Croce (Mestrando em Antropologia Social – Universidade Federal de Goiás), Pri – Profa. Dra. Priscila Larcher Longo (Universidade São Judas), Montiel – Prof. Dr. José Maria Montiel (Universidade São Judas);

Aos colaboradores:

À poeta e escritora Fafá de Castro, ao artista visual Messias Souza, Valeria Sumie I. Takahashi, João Mariano (copidesque), Marcia da Sentire Anotações & Transcrições Ltda., à Mariana Nada da Hucitec e equipe, e a todas as pessoas que trabalham incansavelmente para que as velhices LGBT+ tenham a visibilidade que merecem!!!

PREFÁCIO

DIVERSIDADE, ENVELHECIMENTO E O PAPEL DA UNIVERSIDADE NA CONSTRUÇÃO DIALÓGICA

Sandra Regina Mota Ortiz
Priscila Larcher Longo
José Maria Montiel

A diversidade é a base da vida. Biologicamente somos todos diferentes. Carregamos informações genéticas de nossos progenitores que se combinam aleatoriamente para formar as células reprodutivas e que, depois da fecundação, se juntam para formar um novo e único ser. Essa nova vida que surge ainda conta com a expressão diferenciada de seu material genético controlada por fatores ambientais, estilo de vida e até mesmo pela interação com os microrganismos que habitam seu corpo.

Socialmente, esta diversidade pode ser observada nos mais diferentes aspectos, sendo expressa pelas escolhas profissionais, políticas, musicais e artísticas. Somam-se ainda a essa diversidade a nossa história de vida, as parcerias que estabelecemos, os lugares que moramos, o quanto estudamos, como nos alimentamos, cuidamos do nosso corpo, e nessa complexa diversidade temos uma certeza: somos únicos!

Além de sermos únicos, outra certeza é que o envelhecimento é um processo que integra as etapas da vida humana, e que causa mudanças físicas, psicológicas e sociais. Entre essas mudanças podemos observar declínios de funções dos mais variados sistemas e o aparecimento de comorbidades e limitações, que dependem entre outros aspectos, das oportunidades oferecidas pela sociedade. Além das mudanças físicas, observamos mudanças que envolvem relações de trabalho e interpessoais em uma sociedade que privilegia e enobrece a juventude, a cisheteronormatividade, a beleza física, o descartável e a velocidade.

As últimas décadas foram determinantes para a longevidade humana, uma vez que as pessoas têm vivido mais. Foi somente nesse período que o termo velhice adotou diferentes significados, anteriormente atrelados a aspectos intensificados por conjunturas supostamente negativas. Outras definições surgiram, como o envelhecimento saudável, ativo ou participativo, reforçando possibilidades ilimitadas de ações e relações que não estão associadas aos fatos restritivos da idade, mas sim contextualizadas e incluídas em uma população de abordagem única.

É importante pontuar que cada “grupo” etário possui suas peculiaridades, sendo elas facilitadoras ou dificultadoras de sua interação com o meio onde está inserido. Neste conjunto de interfaces e de contextos, pessoas idosas tendem a desenvolver diferentes habilidades e capacidades para essa fase da vida, relacionadas também às suas próprias demandas. Nesse cenário é possível também

destacar não somente os processos avaliativos etários, mas também as atribuições do quanto uma pessoa se percebe de maneira pertencente a um grupo ou não. É comum observar na literatura que muito do que se atribui à pessoa idosa está mais nas inclinações de outras pessoas e grupos, do que propriamente na condição apresentada por ela. Algumas das concepções sobre o envelhecimento são históricas e antigas, relativas às diferenças que existiam na percepção de parte da população, especialmente dos mais jovens.

Muito dos pré-julgamentos/conceitos foram derivados de percepções e atribuições pormenorizadas e superficiais da pessoa mais velha, contextualizadas nos parâmetros socialmente “corretos/adequados”, não reconhecendo os próprios processos de escolha pessoal. Nesse sentido, as atribuições de cada grupo etário deveriam primar os propósitos individuais que implicam em seu aspecto existencial.

As facetas de um indivíduo são compostas por escolhas, condições, experimentações entre outros aspectos que consideram as peculiaridades humanas que independem de faixa etária, ou de qualquer subclassificação que acabam tornando o indivíduo pertencente ou não a determinado grupo.

Concepções e atribuições que uma pessoa “deve” ter e ser, seguindo determinados padrões e categorias são pautadas em preestabelecimentos históricos de tentar homogeneizar os indivíduos como pertencentes ou não a um determinado grupo. Nisso, diferentes aspectos humanos acabam sendo somente ditos, concebidos e presentes em determinadas faixas etárias.

Dentre os diferentes aspectos vivenciais e humanos, a sexualidade, tem se destacado como um desses aspectos, e em diferentes épocas, tratada pela singularidade de um grupo, e não do ser. Há de se destacar que a sexualidade humana, é parte das características humanas, e presente em todas as fases da vida do indivíduo, e para além do próprio ato sexual.

A sexualidade é um aspecto central da vida do ser humano que abrange corpo, sexo, identidades, papéis e expressões de gênero, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução. É vivenciada e expressa por pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, comportamentos, práticas, relacionamentos e relações de poder. É influenciada pela interação de fatores biológicos, psicológicos, sociais, econômicos, políticos, culturais, legais, históricos, religiosos e espirituais. A sexualidade abarca significados, ideias, desejos, sensações, emoções, experiências, condutas, proibições, modelos e fantasias que são configurados em diferentes contextos sociais e períodos históricos. Trata-se, portanto, de um conceito dinâmico que pode se modificar, e está sujeito a diversos usos além de múltiplas e contraditórias interpretações.

Mesmo com todo desenvolvimento da sociedade e da própria humanidade, o tema sexualidade na velhice ainda é relacionado à vergonha ou ao deboche, uma vez que na velhice a pessoa é definida por sua suposta assexualidade em que os comportamentos e ações com tônica de sexualidade não condizem ou fazem parte. É comum observar que em determinadas sociedades, indagações e depreciações tornam ainda maior o tabu relacionado tanto ao tema, quanto às possibilidades da pessoa idosa poder vivenciar possibilidades e inter-relações próprias da espécie humana. Em contrapartida, os profissionais da gerontologia afirmam que uma velhice sexualmente ativa é parte do processo fundamental para um envelhecimento saudável.

Como se não bastassem os preconceitos enraizados e replicados a respeito dos dois fenômenos separados, envelhecimento e sexualidade, existem também, a negligência e a discriminação com a velhice LGBTQ+. O tema é considerado um assunto relativamente novo, visto que não eram comuns o reconhecimento e a visibilidade das pessoas desse grupo.

Vale lembrar que os idosos LGBT+ de hoje, viveram um período histórico de controle da sexualidade, em que imperavam formas de opressão e invisibilidade da sua identidade e como resultado de tal repressão, operavam o medo da rejeição e da perseguição onde o receio de admitir sua orientação para si mesmo era pungente.

A velhice de pessoas LGBT+, biologicamente, não difere da de uma pessoa heterossexual, com isso, esses idosos também são acometidos por doenças cardiovasculares, diabetes, Alzheimer, problemas de osteoporose, câncer, entre outras disfunções próprias do envelhecimento. No entanto, observa-se que ao falar de adoecimentos dessa população, existem estigmas relacionados às infecções sexualmente transmissíveis e uma escassez de dados oficiais que não sejam relacionados às tais doenças.

No montante de outras manifestações, especialmente àquelas discriminatórias e por vezes com cunhos de agressividade e violência, é possível perceber diferentes modelos discriminatórios direcionados às pessoas LGBT+, as quais acabam ainda hoje vivendo de forma restritiva e por vezes no silêncio. Tais conjunturas especialmente sociais já não cabem mais em um modelo de sociedade que prega a igualdade e a justiça. Percebe-se que o preconceito não é reproduzido apenas de forma direta e consciente, mas que ele faz parte de algo maior, de uma espécie de inconsciente coletivo, com ideias que atravessam gerações sem grandes questionamentos ou movimentos de desconstrução.

A população LGBT+ é um grupo multifacetado e, portanto, é preciso considerar que cada subgrupo dessa população vivencia vulnerabilidades específicas que impactam sua trajetória. Há ainda que se considerar que essas pessoas são igualmente pertencentes a uma sociedade, seja por seus direitos e por seus deveres, e não diferentes em suas buscas e propósitos de vida. O espaço solicitado, não está na diferença, mas sim na participação igualitária a

de outros membros da sociedade. Diversas solicitações fazem parte da busca de um coletivo, que envolve uma esfera de união, de reciprocidade entre demandas e está no que a própria sociedade atual clama, igualdade em todas as suas manifestações incluindo a étnica, a religiosa e as de sexualidades.

Neste sentido, não existem políticas públicas únicas e modeladas que se adequem à toda a população LGBTQ+, sendo fundamental a escuta e consideração da diversidade que a caracteriza na formulação e implementação de tais políticas. Nesse contexto, as universidades têm papel central, pois podem possibilitar que seus integrantes criem interlocuções quanto ao tema LGBTQ+ em suas diversas interfaces, visando a mudança da condição de invisibilidade dessas pessoas.

As manifestações no âmbito educacional merecem maior ênfase, pois podem despertar, especialmente nos mais jovens, a percepção de que o desenvolvimento humano não é exclusividade de alguns grupos etários ou contextuais, e devem perpassar a intergeracionalidade e suas interfaces. A tônica deve estar em elencar demandas específicas que possam propiciar conjunturas em que todas as fases da vida sejam integralmente consideradas, especialmente em suas diversidades e pluralidades. O compromisso é o de tornar o processo inter-relacional, no qual o pertencimento seja parte integrante de uma sociedade.

Mais especificamente, as Ciências do Envelhecimento devem contemplar a possibilidade de diálogos e buscas, encontros e tentativas, não em um sentido único, unilateral, e definitivo, mas na plenitude vivencial de um indivíduo, carregado de vida, experiências e diversidade. Ainda, tais Ciências devem ultrapassar os próprios métodos classificatórios ou limitados, dando luz à visão própria de cada pessoa, além daquilo que lhe fez ser e estar, em um sentido existencial e relacional.

Considerações finais

Em um mundo que tende à homogeneização global, sustentada pelo extenso processo histórico da ocidentalização mundial, causada pelo advento da globalização, de concepções bárbaras e ultrapassadas, o termo, o “outro”, também lido como “exótico” foi concebido para diferenciar os não inclusos nesta contestável evolução, como forma de ressaltar a intolerância da população dominante, colonizadora, masculina, europeia e branca, para com aqueles que não correspondem a essas características.

Foi com o intuito de diferenciar aqueles que não se enquadram no padrão preestabelecido e dominante do homem ocidental que classificações como raça, etnia, gênero e sexualidade surgiram.

A diversidade por si só denota o aparato *pluri*. Nisso recai o convite para que diálogos pertinentes se façam, independentemente das vias utilizadas. O que se espera de uma sociedade contemporânea é que o coletivo e o outro estejam e sejam presentes.

Não é possível resumir uma identidade coletiva das pessoas LGBTQ+, nem mesmo uma identidade pessoal é desta simplicidade toda. Ao se tratar de uma identidade composta por tantas pessoas diferentes, de vivências únicas e compreensões diversas de uma mesma realidade, podemos concluir que a comunidade LGBTQ+ é muito mais do que uma luta interminável contra o preconceito. Ela é acolhimento, representatividade e, mais do que tudo isso, é um movimento político que luta pelos direitos de todos os indivíduos que dela fazem parte, sem exceções.

Destacam-se as prerrogativas de que, pessoas LGBTQ+ idosas devem usufruir em sua plenitude de todas as possibilidades oriundas da própria existência, comuns em outras faixas etárias. Estudos em diferentes esferas como acadêmicas e científicas são escassos, e devem ser estimulados, de modo a elucidar as próprias

especificidades humanas, e experiências de trajetórias de vidas, as quais comumente são invisibilizadas.

O protagonismo narrativo de pessoas oprimidas sobre suas vivências é essencial para estimular a reflexão crítica sobre desigualdades sociais, para a construção de propostas de cuidado integral e para a promoção de equidade. Estudar ou estabelecer políticas sobre LGBTfobia sem oferecer espaço para que pessoas LGBTQ+ possam exercer seu protagonismo de fala tende a reproduzir a heterocisnorma que as exclui. As pessoas LGBTQ+ precisam enfrentar e ressaltar as dificuldades encontradas dentro de seus próprios grupos e fora deles, adicionando questões relevantes como o passado histórico da construção de sua identidade e de sua influência social.

As universidades podem contribuir para promover a discussão, a inclusão e a valorização social da diversidade. Fomentar a visibilidade dos idosos e ainda mais, dos idosos LGBTQ+ torna-se um compromisso fundamental no ambiente universitário, e pode ser realizada por aulas, discussões, espaços de interação entre gerações e pela coleta de dados e produção de conhecimentos sobre aspectos relacionados à saúde, à educação e à segurança, reafirmando os direitos básicos dessa parcela da população e contribuindo sobremaneira para que políticas públicas sejam implementadas para melhorar a qualidade de vida de todos os idosos.

É oportuno reforçar que ensaios como os apresentados nesta publicação, possibilitam diálogos, especialmente quando as próprias pessoas destacam suas experiências e vivências. Propõe-se aqui a prerrogativa de que estudos não devem se limitar a um fator ou aspecto, mas considerar as diferentes esferas que o indivíduo vivencia. Assim, esse livro não visa esgotar as discussões sobre a temática, tampouco agrupar saberes relativos ao processo de envelhecer, especialmente de pessoas LGBTQ+. Pretende-se sim criar um elo de discussões no que tange à interdisciplinaridade do tema possibilitando diálogos possíveis e oportunos, de modo a resgatar

em sua amplitude o aspecto humano em detrimento a determinadas aferições sociais.

Sandra Regina Mota Ortiz: professora doutora, graduada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de São Carlos, mestrado e doutorado em Ciências (Microbiologia) pela Universidade de São Paulo e especialização em Análises Clínicas (Universidade São Judas Tadeu 2007). Foi pós-doutora na Universidade de São Paulo com estágio na Ohio State University (College of Dentistry) e pós-doutora na Universidade Nove de Julho. Atua na pós-graduação do Programa de Ciências do Envelhecimento na Universidade São Judas Tadeu além de ser tutora no curso de graduação em Medicina e é pesquisadora do Grupo Ânima.

Priscila Larcher Longo: graduada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de São Carlos com especialização em Análises Clínicas pela Universidade São Judas Tadeu (USJT). Mestre doutora em Ciências pela Universidade de São Paulo (USP). Foi pós-doutora na USP com estágio na Ohio State University e na Universidade Nove de Julho. Tutora no Curso Intermediário em Pesquisa Clínica (PROADI-SUS/HAOC) e professora nos cursos de Medicina da Universidade Municipal de São Caetano (USCS) e da USJT. Integra o corpo docente do Programa em Pós-Graduação em Ciências do Envelhecimento da USJT e é pesquisadora do Grupo Ânima.

José Maria Montiel: graduado em Psicologia, é mestre e doutor em Psicologia com ênfase em Avaliação Psicológica em Contextos de Saúde Mental pela Universidade São Francisco – USF. É professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Envelhecimento da Universidade São Judas Tadeu e professor pesquisador do Instituto Anima SOCIESC de Inovação.

APRESENTAÇÃO

ENXERGANDO OS INVISÍVEIS

Diego Félix Miguel
Milton Roberto

Durante nossa trajetória recente como pesquisadores e militantes pelos direitos das pessoas idosas alguns indivíduos têm nos questionado: “por que falar em velhices LGBT+?”. Para responder a eles e a qualquer um que pense em silenciar as vozes das minorias nós respondemos: Por que não falar?

Se a sua resposta foi com o objetivo de pensar que não devemos falar porque isso aumentaria o preconceito, porque “somos todos iguais” ou a sociedade não está preparada para este enfrentamento, sentimos muito, e esperamos que as narrativas deste livro ajudem a reconhecer os possíveis e diferentes lugares de privilégios que ocupamos, muitas vezes por meio do reforço da opressão contra

grupos que não possuem as mesmas oportunidades, assim como, auxilie a pensar em um mundo que não tenhamos medo de apontar os dedos para nomear as diferenças e denunciar as injustiças, a fim de reduzir as desigualdades sociais, que perversamente, expõem as pessoas às situações de vulnerabilidades por determinantes que envolvem fatores como cor, raça, gênero, sexualidade, etnia, entre tantos outros aspectos que são marginalizados.

No caso das pessoas idosas LGBTQ+ são numerosas as camadas de estigmas que elas podem vivenciar. Por um lado, elas têm de sobreviver em uma sociedade gerontofóbica, que tem aversão às questões que permeiam o processo de envelhecimento e velhice, e valoriza aspectos relacionados à juventude, reduzindo o valor das pessoas mais velhas. Por outro, também precisam resistir aos preconceitos de nossa sociedade conservadora, machista e heterocisnormativa.

Desta forma, diversos estudiosos destacam possíveis barreiras de acesso à saúde, bem como situações de isolamento social e solidão, agravados com o passar do tempo. Informações norte-americanas dizem que cerca de 80% destes indivíduos, de um total de quase 4 milhões de pessoas, são solteiros, 90% não têm filhos e 75% vivem sozinhos, e na população geral esses números chegam a 40%, 20% e 33%, respectivamente.

Além disso, para visualizar melhor esta realidade até então “invisível” e entender as consequências de algumas construções socio-culturais no processo de envelhecimento é preciso resgatar e incorporar os conceitos relacionados à vulnerabilidade de uma pessoa, a qual apresenta as dimensões individual, social e programática.

A primeira diz respeito aos comportamentos e atitudes dos indivíduos influenciados por características do corpo e organismo, de sua memória e capacidade de decisão; a segunda a temas relacionados a aspectos culturais, sociais e econômicos, os quais influenciam o acesso a bens e serviços; e por fim, a vulnerabilidade programática

compreende os serviços de saúde e como eles atuam para proteger os indivíduos e para promover o bem-estar biopsicossocial.

Em outras palavras, resgatamos esses conceitos porque não basta orientar, por exemplo, uma pessoa idosa a praticar 30 minutos de atividade física diariamente a fim de promover o envelhecimento saudável. É preciso entender se aspectos sociais a impedem de chegar à unidade de saúde para receber essa orientação, se o local onde mora tem as condições propícias para isso e se ela tem condições financeiras para tal, entre outras. Outra demanda que surge com esses conceitos se refere ao papel do Estado, o qual sabendo das barreiras e das desigualdades que as populações sofrem, precisa se comprometer e criar políticas públicas para reduzi-las.

É imprescindível que o Estado levante essas demandas, a fim de que possam ser reconhecidas e representadas nas estratégias em seus diferentes setores: saúde, educação, assistência social, cultura, trabalho, moradia, entre outros, de modo a garantir a representatividade nas oportunidades e no atendimento, tornando-o acessível e digno para todas as pessoas.

Novamente, destacamos que setores conservadores da sociedade limitam tal discussão confundindo a população, até mesmo profissionais da saúde, com discursos rasos de que tratar diferentemente os diferentes não seria justo ou igualitário, em uma perspectiva rasa que reforça a violência estrutural, condicionando pessoas a situações de exclusão e a dificuldades de acessos, em contramão ao conceito de equidade, em que se encontra como um dos princípios norteadores do SUS (Sistema Único de Saúde), para o qual a única maneira de reduzir as desigualdades seria reconhecer, investir ou tratar de maneira diferente e justa as pessoas que estão nessa condição.

Portanto, neste sentido de carência de dados e estudos que demonstrem a realidade das pessoas idosas LGBT+, este livro de narrativas é uma iniciativa louvável. Cabe lembrar que até hoje não

há dados fidedignos sobre o número real de pessoas LGBTQ+ em nossa sociedade, e muito menos de pessoas idosas LGBTQ+. Só temos dados do censo demográfico de 2010, o qual questionou pela primeira vez o número de domicílios em que o chefe de família tinha uma parceria do mesmo gênero. Nesse levantamento, foram identificados 67.492 casais homoafetivos, sendo 46% de gays e 54% de lésbicas, localizados em sua maioria em grandes cidades da região Sudeste. Sabemos que esses dados não estão nem próximos da realidade, justamente por medo da discriminação, preconceito, além de outras realidades socioculturais que reforçam a LGBTQfobia e a homofobia internalizada.

Por fim, só iremos reduzir as vulnerabilidades sociais e programáticas dessas pessoas se respondermos à pergunta inicial deste texto. Conhecer a realidade é um dos primeiros passos, assim como é importante assumir um compromisso para romper com esta situação de injustiça social em nossos meios sociais, familiares e profissionais, e lutar para que sejam criadas políticas públicas nos princípios da equidade, que garantam a inclusão, tornando-a justa para todas as pessoas. Por isso, não falar sobre as velhices LGBTQ+ significa perpetuar as invisibilidades de suas vidas, sem falar nas violências e situações desafiadoras que precisam enfrentar.

Diego Félix Miguel: mestre em Filosofia e especialista em Gerontologia pela SBGG.

Milton Roberto Furst Crenitte: médico geriatra/doutorando em Ciências pela FMUSP.

INTRODUÇÃO

QUEM TEM MEDO DAS VELHICES LGBT+? LANÇANDO HOLOFOTES SOBRE MÚLTIPLAS VOZES NAS TRAMAS DE ENVELHECIMENTOS E DIVERSIDADES SEXUAIS E DE GÊNERO

Luis Baron
Angelo Della Croce
Carlos Eduardo Henning

Dedicamos este texto a Anyky Lima,
Miss Biá, João W. Nery e a tantas/os outras/os...

Quando iniciamos o projeto que resultou nesta obra o Brasil já estava mergulhado na pandemia da Covid-19.¹ Na época, porém, ainda não havíamos alcançado as 50 mil pessoas falecidas. Um ano

¹ Henning, 2020c.

mais tarde, o país ultrapassa oficialmente a trágica marca de 500 mil vítimas, um fruto hediondo e sórdido de uma política de omissão genocida de Estado. Entre as vítimas mais vulneráveis estão milhares de pessoas idosas e, entre elas, muitas pessoas idosas LGBTQ+, as quais ainda permanecem, infelizmente, sob os mantos de silenciamento e invisibilidade social e política. Nessa altura do campeonato, todos/as possuímos pessoas amigas, conhecidas, familiares, parceiras de lutas e de resistências que ficaram dolorosamente pelo caminho.

Tendo esse cenário difícil em mente, as pessoas cujos relatos incluímos na obra que aqui apresentamos integram as gerações pioneiras na criação dos movimentos LGBTQ+ brasileiros, desde fins da década de 1970. Gerações que foram e permanecem sendo centrais para a ampliação das possibilidades de vidas dissidentes em termos de identidades e expressões sexuais e de gênero. Ao chegarem à velhice, tais gerações permanecem participando intensamente da vida social contemporânea, contribuindo também para transformar os significados atribuídos à velhice, demandando uma nova maneira de compreendê-la, administrá-la e vivê-la.² Esta obra — ao colocar em relevo as narrativas de pessoas LGBTQ+ destas gerações que atualmente lutam e resistem às necropolíticas e pandemias — é fruto de hercúlea união de forças em meio a um contexto histórico profundamente difícil e desafiador. Nós autores deste texto, a partir de meados de 2020 e nos seis meses seguintes, dialogamos, reunimos e coletamos longos e densos depoimentos biográficos de dezenas de pessoas na meia idade ou velhice e que se identificam como lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros e pansexuais. Pessoas provenientes de várias regiões do Brasil e que apresentam múltiplas identidades e expressões sexuais e de gênero, além de identidades étnico-raciais e procedências de classe, geração, religião e corporalidades variadas.

² Henning (2020d, 2021a, 2021b).

Por meio de depoimentos gravados — alguns com mais de três horas de duração — as pessoas depoentes trouxeram à luz, suas trajetórias, seu presente e seu futuro. São mais de 55 horas de gravações, que produziram quase 600 páginas de depoimentos transcritos. Após uma revisão inicial — respeitando sempre o conteúdo, os termos e categorias utilizadas por depoentes — os textos passaram por um copidesque e foram revisados novamente pelo coletivo editorial. Alguns depoimentos que apresentamos neste livro são mais longos que outros, respeitando a dinâmica geral do tempo que os/as depoentes levaram para contar suas histórias. As diversas identidades raciais e étnicas declaradas por depoentes, assim como as identidades de gênero e sexuais, se mantêm fiéis ao que nos foi relatado pelas pessoas depoentes. Todo o material fruto desse denso trabalho se baseia na voz de cada depoente, mesmo tendo em mente a necessidade de algumas reduções para viabilizar editorialmente esta obra. O critério etário levou em consideração também os diversos graus de vulnerabilidades contidas na comunidade LGBTQ+, que como um todo, é extremamente vulnerável.

Trata-se do primeiro livro em língua portuguesa — e possivelmente um dos primeiros no hemisfério sul — a apresentar um conjunto de depoimentos em primeira pessoa tão amplo, completo, representativo e instrutivo sobre envelhecimentos e pessoas idosas LGBTQ+. Existiram, em décadas anteriores, obras com propósitos similares em língua inglesa que procuravam colocar em relevo — às vezes apresentando relatos em primeira pessoa — as vozes, narrativas e experiências biográficas de pessoas idosas LGBTQ+. ³ No entanto, geralmente tais livros apresentavam memórias ou depoimentos focados, sobretudo em homens gays ou mulheres lésbicas predominantemente brancos, cisgêneros, de classes médias ou elites econômicas, além de residentes em grandes centros urbanos da América

³ Consultar, por exemplo, Adelman (1986) e Kehoe (1986).

do Norte. Distinguindo-se dessas características, a obra aqui publicada, desde a sua concepção, visou garantir a apresentação fidedigna e respeitosa de narrativas que dessem conta de um cenário bem mais amplo e que também não ficasse restrito aos grandes centros metropolitanos do Sudeste do país.

Esta iniciativa, portanto, é singular, pioneira e inovadora não apenas por ser uma das primeiras obras sobre o tema produzida em um país do “Sul Global”, mas também por apresentar narrativas relativas a várias outras “letrinhas” da “sopa de lettrinhas”⁴ de identidades e expressões sexuais e de gênero contemporâneas. Este livro se preocupa em garantir uma boa representatividade em termos das múltiplas expressões e identidades de gênero e sexualidade, mas também em termos étnico-raciais, de classe, de geração, de corporalidade, de religiosidade e de regionalidade. Estão reunidos aqui, por exemplo, depoimentos de pessoas LGBTQ+ negras, brancas, pardas, com deficiência, apresentando diversas religiosidades, entre 47 e 72 anos de idade (no momento do depoimento), e provenientes de quase todas as regiões do Brasil.

Esse feito, produto de um trabalho de equipe árduo e inteiramente voluntário e não remunerado, é algo extraordinário e uma contribuição significativa à literatura sobre envelhecimentos, velhices e percursos biográficos diversos, sobretudo dissidentes da cisheteronormatividade. As narrativas se mantiveram em primeira pessoa e, salvo algumas edições que se fizeram necessárias, integralmente fiéis ao que nos foi relatado. Não se trata aqui da apresentação de uma análise ou de interpretação significativa desses depoimentos, mas da apresentação de boa parte que nos foi narrado ao longo de depoimentos que, em alguns casos, ultrapassaram três horas de duração. O livro, ademais, obviamente, tem o potencial de se

4 Sobre a “sopa de lettrinhas” e os ativismos e movimentos LGBTQ+ no Brasil, consultar Green (2000), McRae (1990), Facchini (2005), Simões & Facchini (2009), Ferreira (2012), Aguião (2018).

tornar uma importante fonte de dados para investigações multidisciplinares futuras. Embora tenhamos realizado algumas alterações nas narrativas que julgamos necessárias para que o livro garantisse o seu apelo à leitura por um público amplo, essas vozes e narrativas foram mantidas, em franca medida, em seus próprios termos e contextos.

Temos aqui o resultado de uma iniciativa conjugada e bem-sucedida de pessoas ativistas e acadêmicas, tendo sido idealizado desde o início como voltado ao público mais amplo possível, desde pessoas leigas interessadas na temática, até ativistas, profissionais e pesquisadoras de múltiplos campos, disciplinas e áreas profissionais envolvidas na temática do envelhecimento e diversidade sexual e de gênero. Boa parte das narrativas e histórias de vida aqui reunidas, aliás, são tão absorventes e instigantes (entre outras razões, por estarem profundamente entrelaçadas à história recente brasileira da segunda metade do século XX ao contemporâneo), que cativam até mesmo leitores/as meramente ávidos/as por obras biográficas.

As narrativas compiladas, porém, não são rotineiras e facilmente encontradas nas sessões “biografia” das livrarias que ainda batalham para se manter abertas em nosso país. Por muitas décadas nos foi negado o direito de acessar narrativas de pessoas como as que aqui apresentamos. Estamos lidando, ademais, com depoimentos de pessoas que não tiveram em suas juventudes — elas mesmas — acesso a depoimentos como os que apresentamos aqui. Diferentemente de pessoas heterossexuais e cisgênero que possuem abundantes referenciais, modelos e exemplos de desenvolvimento biográfico e de envelhecimento, as pessoas cujos depoimentos aqui apresentamos, muitas vezes guiaram suas vidas com poucos modelos de referência sobre o que poderia significar ser uma pessoa LGBTQ+ que envelhecia. Para muitas dessas pessoas foi necessária grande dose de coragem, força e ousadia, para prosseguir

na vida sem tantos referenciais sobre como envelhecer, muitas vezes, distante de parâmetros de parentalidade e conjugalidade tradicionais e diante de um cenário futuro, por vezes, nebuloso.

Em muitos casos as pessoas cujas narrativas apresentamos precisaram procurar e criar arduamente, e com poucos recursos, os referenciais sobre o que a vida poderia ser ou se tornar a partir de certa idade. Em contraste com o envelhecimento de pessoas heterossexuais e cisgênero, nossas interlocutoras e nossos interlocutores muitas vezes encararam incertezas, instabilidades e inseguranças sobressalentes. Portanto, esta obra contribui também para desafiar frontalmente a ausência de modelos biográficos de referência não heterossexuais e não cisgêneros, assim como o apagamento e a invisibilidade sistemáticos das vidas, dos desafios e das experiências específicas dos envelhecimentos de pessoas LGBTQ+.

O processo de considerar pessoas idosas LGBTQ+ como uma “questão social” relevante é consideravelmente recente no Brasil.⁵ Porém, ao contrário do que se poderia inicialmente imaginar, existe há pelo menos meio século uma literatura na América do Norte sobre envelhecimentos de pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transsexuais, transgêneros, travestis, interssexuais, queers, entre outros sujeitos.⁶ Esse conjunto de investigações de vários países se materializa em um campo multidisciplinar, complexo e multifacetado denominado *gerontologia LGBTQ+*.⁷

No Brasil as primeiras pesquisas sobre envelhecimentos de pessoas LGBTQ+ surgiram na Antropologia Social analisando primeiramente o envelhecimento de homens homossexuais na meia idade e na velhice⁸ e também o envelhecimento de travestis e mulheres trans.⁹ A partir desses trabalhos pioneiros, acompanhamos

5 Simões (2004); Siqueira (2004; 2009); Henning (2008; 2014; 2017).

6 Henning (2014; 2017; 2021a).

7 Henning (2014; 2016b; 2017).

8 Simões (2004); Henning (2008).

9 Siqueira (2004; 2009).

um florescimento multidisciplinar vigoroso, nos últimos anos, do interesse acadêmico, científico e ativista sobre essas experiências de envelhecimentos e velhices.

As características e necessidades desta população, contribuindo para ampliar a visibilidade e os direitos de pessoas LGBTQ+ na velhice, além de serem problematizadas pela literatura científica e acadêmica, também têm sido mobilizadas e debatidas por movimentos e ativismos sociais, além de organizações e instituições específicas. Tais organizações e ativismos passam a associar as agendas do orgulho LGBTQ+ àquelas dos movimentos de pessoas idosas e aposentadas, estabelecendo uma forma peculiar, inovadora e potente de politização do envelhecimento no contemporâneo.¹⁰ Este diálogo entre ativismos e campos acadêmicos e científicos multidisciplinares sobre as velhices LGBTQ+ se concretiza em organizações e instituições voltadas à administração específica das necessidades dessas pessoas. No caso dos Estados Unidos, instituições com esse fim existem desde fins da década de 1970, por exemplo, com a criação da *SAGE – Advocacy and Services for LGBTQ Elders*, a maior e mais antiga organização voltada aos direitos e à melhoria na qualidade de vida de pessoas idosas LGBTQ+.¹¹ Desde então — e em particular nos últimos 15 anos — iniciativas similares começam a se proliferar, com vigor, em vários pontos do globo em metrópoles como Londres, Paris, Madri, Cidade do México e Buenos Aires.¹²

No caso brasileiro, a fundação em 2017 da organização não governamental EternamenteSOU contribuiu fortemente para o desenvolvimento não apenas dos ativismos das velhices LGBTQ+, mas também para *o despertar de uma gerontologia e geriatria LGBTQ+ em nosso país*. Aliás, este livro e os Seminários Velhices LGBTQ+ organizados pela EternamenteSOU desde a sua fundação, são, a nosso

10 Henning (2020a; 2020b; 2021a; 2021b).

11 Henning (2021b); Della Croce & Henning (2021).

12 Henning (2020e).

ver, marcos significativos desse despertar. Nesse sentido, é preciso destacar que a EternamenteSOU e sua equipe multidisciplinar de dezenas de voluntários/as, têm organizado periodicamente eventos, programas e cursos, além de estimular e contribuir com pesquisas e publicações acadêmicas, e fomentar a produção e veiculação de matérias televisivas, em jornais e na internet sobre idosos/as LGBT+. Desse modo, as ações, programas e eventos produzidos por essa ONG foram cruciais para tornar a causa das pessoas idosas LGBT+ um problema social progressivamente visível, reconhecido e legitimado na esfera pública brasileira.

É preciso mencionar, portanto, que a iniciativa e a idealização desta obra partiu justamente da EternamenteSOU. A partir daí, o projeto contou com a parceria e o apoio não apenas de ativistas, mas também de docentes e pesquisadores/as acadêmicos de instituições como o Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal de Goiás (UFG), e a Universidade São Judas Tadeu (USJT), da cidade de São Paulo. Os diálogos e a coleta dos depoimentos e narrativas se deram ao longo de seis meses no segundo semestre de 2020, por meio de uma plataforma para reuniões remotas via internet.

Os depoimentos foram planejados, desenvolvidos e coletados pelos três autores deste texto introdutório seguindo um roteiro de entrevista semiestruturada com questões-guia que eram acionadas conjuntamente, a depender da dinâmica da interação dialógica entre nós e nossos interlocutores e interlocutoras. Todas as pessoas envolvidas no projeto e que cederam seus depoimentos assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido, assim como um contrato autorizando o uso de seus relatos para a obra que aqui apresentamos. Todas também tiveram o direito assegurado de acessarem, lerem e revisarem as transcrições integrais brutas de seus respectivos depoimentos podendo fazer eventuais pequenas alterações, adições ou supressões.

Ressaltamos que a grande maioria das pessoas cujos depoimentos compõem essa obra aceitaram participar da iniciativa tendo em mente o caráter simbólico e político excepcional e potente que este livro poderia ter, ao colocar em relevo e sob os holofotes as experiências, as vidas, as dores e as delícias de existências que desafiaram e continuam a desafiar, de distintas maneiras, determinadas expectativas e normas acerca de gênero e sexualidade. Esse livro, porém, não é apenas sobre o passado ou “reminiscências de outros tempos”, mas uma obra vívida sobre sonhos, desejos, aspirações e planos sobre e para o presente e futuro. É uma obra que lança luz sobre pessoas cujas vidas estão em processo e que permanecem plenas de anseios e projetos no contemporâneo e acerca do futuro. Quem supõe encontrar uma obra meramente saudosista, provavelmente se surpreenderá.

Em um clima descontraído e informal, a coleta dos depoimentos foi conduzida em distintas ocasiões e com periodicidade semanal desde meados de 2020, por nós autores deste texto introdutório — Luis Baron, Carlos Eduardo Henning e Angelo Della Croce que, aliás, nos identificamos como homens gays, cisgêneros, brancos e de classes médias de distintas gerações e procedências regionais. O fato de fazermos parte, de distintas maneiras, da coletividade aqui representada, facilitou o estabelecimento de conversas, na maior parte das vezes produtivas, irreverentes e potentes. No momento em que redigimos estas linhas estamos, respectivamente, com 61, 39 e 55 anos e como não poderia deixar de ser, nossas seis mãos também envelhecem. Também refletimos sobre nossos próprios futuros, também estamos afetados e compartilhamos, de distintas maneiras, vários dos anseios, dilemas, delícias e desafios que surgem em vários dos depoimentos que aqui reunimos.

Tendo isso em mente, o debate sobre o envelhecimento e a velhice de pessoas LGBTQ+ não é visto por nós como um mero “tema”, “objeto” ou “questão” que pode ser manuseado e compreendido a

certa distância, impessoalidade e desprendimento. O “tema” diz respeito calidamente às nossas próprias vidas, assim como às vidas e o futuro de nossas comunidades e, em última instância, de nosso país. País que vem sendo devassado e destruído sistematicamente por uma ultradireita milicianista e com fortes características fascistas que tomou o poder progressivamente via golpe em 2016. E nesse caminho, vem desmontando e arrasando, com um neoliberalismo radical, direitos sociais, liberdades democráticas e ameaçando a existência de conjunto de pessoas dissidentes em termos de identidades e expressões sexuais e de gênero.

Nesse cenário tão adverso, a elaboração deste conjunto — construída a várias mãos e reunindo muitas vozes, em iniciativas ativistas e acadêmicas e por meio de apoios cruciais interinstitucionais — possui um significado simbólico, político e subjetivo extraordinário. Além de congregar e visibilizar narrativas sobre vidas, vozes e percursos que permanecem invisibilizados e progressivamente ameaçados, essa obra possui também o potencial de contribuir para transformar este substrato sociocultural e histórico plástico e dinâmico que é o envelhecimento e a velhice no contemporâneo. Desejamos também que possua o potencial de contribuir para ampliar os significados da velhice e, por consequência, o campo imaginativo das viabilidades e visibilidades existenciais nos momentos mais avançados da vida.

Queremos crer que se foi o tempo em que, ao falarmos sobre envelhecimento e velhice, nos vinha à mente automaticamente a imagem tradicional do “vovô e da vovó” concebidos *a priori* como heterossexuais, cisgêneros, aposentados e absolutamente desconectados de uma vida erótica potencialmente pulsante. O mito da velhice assexual¹³ e o panorama cisheteronormativo sobre a velhice¹⁴ são dois pontos estruturalmente cruciais para entendermos

13 Debert & Brigeiro (2012).

14 Henning (2014; 2016a; 2017).

o processo histórico-cultural de deslegitimação e apagamento de envelhecimentos plurais em termos de identidades e expressões dissidentes de gênero e sexualidade.

Nesse sentido as velhices, desde sempre, precisariam ser concebidas em seu potencial múltiplo, diverso, complexo e heterogêneo tanto em termos de gênero e sexualidade, quanto em termos de outros marcadores sociais da diferença, como os étnico-raciais, de classe social, geração e corporalidades. Portanto, acreditamos que esta obra pode contribuir expressivamente em direção a lançar luz e legitimar as compreensões e conhecimentos sobre alguns espectros significativos dessa pluralidade e complexidade de subjetividades e experiências de envelhecimentos.

Tendo isso em mente, nos últimos anos as pessoas idosas LGBT+ têm se tornado atores sociais cada vez mais visíveis e atuantes na luta pela afirmação de suas existências, histórias, e experiências de envelhecimento idiossincráticas. Se há pouco tempo praticamente não existiam organizações, instituições, matérias jornalísticas, programas televisivos e filmes sobre (ou voltados a) idosos/as LGBT+, temos acompanhado recentemente uma espécie de explosão discursiva sobre o tema.¹⁵ Novelas, séries televisivas, filmes, livros no Brasil e no exterior agora têm progressivamente retratado envelhecimentos plurais também em termos de identidades de gênero e sexuais.¹⁶ Embora nem sempre com representações adequadas, essas obras têm contribuído, em termos gerais, para apresentar e difundir o conhecimento sobre alguns dos desafios da velhice associados às dissidências sexuais e de gênero. Sobretudo a dolorosa lida cotidiana com o preconceito e as violências homofóbicas, lésbofóbicas, transfóbicas e bifóbicas no processo de envelhecimento.

15 Henning (2021b).

16 Henning (2016b; 2017).

Assim sendo, o presente livro se configura em uma contribuição valiosa para a consulta de pessoas interessadas e profissionais de múltiplos campos que lidem diretamente com o envelhecimento e pessoas idosas. Ao longo de seus 20 capítulos de depoimentos somos tocados/as pelas vidas e existências variadas, complexas e cruciais de pessoas que permanecem lutando, resistindo, transformando as realidades e ansiando por presentes e futuros distintos. Há aqui grande potencial para mobilizar e tracionar a sensibilização cultural e o entendimento das realidades, desafios e desigualdades que atravessam as experiências de envelhecimento de pessoas LGBTQ+ em múltiplos âmbitos e contextos sociais e profissionais.

Desejamos, por fim, que as pessoas que leiam e sejam influenciadas por esta obra também contribuam para a viabilização destas e de outras vidas idosas dissidentes de certas normas e expectativas de gênero, sexualidade, classe, raça e corporalidade. Após a leitura, vocês que nos leem, terão a responsabilidade de contribuir — à sua maneira e a com base em suas práticas profissionais, ativistas e cotidianas — para apoiar e garantir que pessoas idosas LGBTQ+ possam sempre viver suas vidas com dignidade, com direitos sociais garantidos, políticas públicas desenvolvidas, e vivenciando relações — em quaisquer instâncias — respeitadas, prazerosas e laicas.¹⁷ Enfim, garantindo o direito a que vivam e vivenciem o mais plenamente possível as múltiplas formas e potencialidades dos envelhecimentos e velhices no contemporâneo.

Desejamos também contribuir para a disseminação de políticas públicas, para a criação de leis, de instituições e de organizações que garantam e contribuam para modos mais humanizados, respeitosos, dignificantes, laicos, não moralistas e antidiscriminatórios de relacionamento com (e na administração das demandas de) pessoas

¹⁷ Henning (2021a; 2021b).

idosas LGBTQ+. Ansiamos que esta obra renda frutos significativos para a formação e sensibilização cultural de instituições, organizações, profissionais e grupos ativistas, assim como em termos de avanços concretos em direitos sociais, na expansão da visibilidade e para a criação urgente de políticas públicas específicas.

Luis Baron: é vice-presidente da ONG EternamenteSOU, palestrante e criador do canal @topassado_.

Angelo Della Croce: é cientista social e mestrando em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Goiás.

Carlos Eduardo Henning: é doutor em Antropologia Social pela Unicamp. Professor permanente e coordenador do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, da Faculdade de Ciências Sociais, da Universidade Federal de Goiás. Pesquisador do Sertão – Núcleo de Ensino, Extensão e Pesquisa em Gênero e Sexualidade e coordenador-geral do NEPEV – Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Envelhecimento: carlos.eduardohenning@ufg.br.

Referências

ADELMAN, M. (ed.). 1986. *Long time passing: lives of older lesbians*. Boston: Alyson Publications.

- AGUIÃO, S. 2018. *Fazer-se no 'Estado'. Uma etnografia sobre o processo de constituição dos 'LGBT' como sujeitos de direitos no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: EdUERJ (Coleção Sexualidade, Gênero e Sociedade).
- BARON RODRIGUES, L. O. 2021. *Sorofobia e estima. Introdução às velhices LGBTI+*. Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia do Rio de Janeiro. [No prelo].
- DEBERT, G. G. 2012. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP.
- DEBERT, G. & BRIGEIRO, M. 2012. Fronteiras de gênero e a sexualidade na velhice. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 27, n.º 80.
- DEBERT, G. G. & HENNING, C. E. 2015. Velhice, gênero e sexualidade: revisando debates e apresentando tendências contemporâneas. *MAIS 60 – Estudos sobre Envelhecimento*, vol. 26, n.º 63, pp. 8-31, dez. Disponível em: <<https://www.sescsp.org.br/files/artigo/6504a33a-ddc8-4efd-92e1-c1914a62f088.pdf>>. Acesso em: 12 de maio de 2021.
- DELLA CROCE, A. & HENNING, C. E. 2021. Desafios da sociabilidade e inclusão digital de pessoas idosas LGBTI+: muito além de simplesmente pagar contas. *Introdução às Velhices LGBTI+*. Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia do Rio de Janeiro. [No prelo].
- FACCHINI, R. 2005. *Sopa de letrinhas? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90*. Rio de Janeiro: Garamond.
- FERREIRA, G. 2012. *Arco-Íris em disputa: a 'Parada da Diversidade de Florianópolis. Entre políticas, sujeitos e cidadanias*. Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC.
- GREEN, J. 2000. *Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Editora UNESP.
- HENNING, C. E. 2021a. Ser padre, gay y viejo: masculinidades, paternidades y envejecimientos en reconfiguraciones contemporâneas. *Revista Con la A.*, n.º 74. Disponível em: <https://conlaa.com/ser-padre-gay-y-viejo-masculinidades-paternidades-y-envejecimientos-en-reconfiguraciones-contemporaneas/?utm_source=rss&utm_medium=rss&utm_campaign=s>

- er-padre-gay-y-viejo-masculinidades-paternidades-y-envejecimientos-en-reconfiguraciones-contemporaneas>. Acesso em: 16 de maio de 2021.
- HENNING, C. E. 2021b. A expansão do orgulho grisalho e da gerontologia e geriatria LGBTI+ no Brasil. Introdução às Velhices LGBTI+. In: REBELLATO, C.; GOMES, M. & CRENITTE, M. (orgs.). 2021. *Introdução às Velhices LGBTI+*. Rio de Janeiro: SBGG/RJ/EternamenteSOU/ILC-BR. Disponível em: <<http://www.sbggrj.org.br/rj/wp-content/uploads/2019/09/Livro-Introducao-as-velhices-LGBTI.pdf>>.
- HENNING, C. E. 2020a. O Nascimento do Orgulho Grisalho. Idosos LGBT e as batalhas por viabilidades existenciais. In: FACCHINI, R. & FRANÇA, I. (orgs.). *Direitos em Disputa: LGBTI+, Poder e Diferença no Brasil Contemporâneo*. Campinas: Editora da Unicamp, pp. 72-86.
- HENNING, C. E. 2020b. O luxo do futuro. Idosos LGBT, teleologias heteronormativas e futuros viáveis. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, n.º 35, pp. 133-58. Disponível em: <<http://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2020.35.07.a>>. Acesso em: 12 de maio de 2021.
- HENNING, C. E. 2020c. Nem no mesmo barco nem nos mesmos mares: gerontocídios, práticas necropolíticas de governo e discursos sobre velhices na pandemia da Covid-19. *Cadernos de Campo*, vol. 29, n.º 1, pp. 150-5. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/170798/161271>>. Acesso em: 12 de maio de 2021.
- HENNING, C. E. 2020d. Las vejeces de personas LGBTIQ: reflexionando sobre escenarios futuros frente a las ciudades y sociedades que envejecen. In: SCHENCK, M. *Futuro: Miradas latinoamericanas, Mirada estratégica*. Montevideo Igualitario, pp. 40-9. Disponível em: <<https://montevideo.gub.uy/sites/default/files/biblioteca/7futuro-serieciudades.pdf>>. Acesso em: 16 de maio de 2021.
- HENNING, C. E. 2020e. Ancianos LGBT en Brasil. Los viejos de guerra y sus narrativas sobre batallas, resistencia y vulnerabilidad en tiempos ultraconservadores. *Plural – Antropologías desde América Latina y el Caribe*, ano 3, n.º 6, jul.-dez. Disponível em: <<https://asociacionlatinoamericanadeantropologia.net/revistas/index.php/plural/article/view/157/116>>. Acesso em: 16 de maio de 2021.

- HENNING, C. E. 2017. Gerontologia LGBT: velhice, gênero, sexualidade e a constituição dos ‘idosos LGBT’. *Horizontes Antropológicos*, n.º 47, pp. 283-323. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832017000100010>>. Acesso em: 12 de maio de 2021.
- HENNING, C. E. 2016a. Is old age always already heterosexual and cisgender? The LGBT gerontology and the formation of the “LGBT elders”. *Vibrant*, vol.13, n.º 1, pp. 132-54. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1809-43412016v13n1p132>>. Acesso em: 12 de maio de 2021.
- HENNING, C. E. 2016b. “Na minha época não tinha escapatória”: teleologias, temporalidades e heteronormatividade. *Cadernos Pagu*, n.º 46, pp. 341-71. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/18094449201600460341>>. Acesso em: 12 de maio de 2021.
- HENNING, C. E. 2015. Interseccionalidade e pensamento feminista: as contribuições históricas e os debates contemporâneos acerca do entrelaçamento de marcadores sociais da diferença. *Mediações*, vol. 20. n.º 2, pp. 97-128. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5433/2176-6665.2015v20n2p97>>. Acesso em: 12 de maio de 2021.
- HENNING, C. E. 2014. *Paizões, tiozões, tias e cacuras: envelhecimento, meia idade, velhice e homoerotismo masculino na cidade de São Paulo*. 2014. 422 f. Doutorado em Antropologia Social – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Estadual de Campinas Unicamp, Campinas. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/281147/1/Henning_CarlosEduardo_D.pdf>. Acesso em: 12 de maio de 2021.
- HENNING, C. E. 2008. *As diferenças na diferença: hierarquia e interseções de geração, gênero, classe, raça e corporalidade em bares e boates GLS de Florianópolis, SC*. Mestrado. Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFSC.
- KEHOE, M. 1986. *Lesbians Over 60 Speak for Themselves*. New York: Harrington Park Press.
- MACRAE, E. 1990. *A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da “abertura”*. Campinas: Editora da Unicamp.
- OLIVEIRA DIAS, L.; SANTOS SOUZA, C. & HENNING, C. E. Orí e cabaça são femininas: mulheres-raízes e suas insurgências na intelectualidade brasileira. *Revista Humanidades e Inovação*, vol.

7, n.º 25, 2020. Disponível em: <<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/4903>>. Acesso em: 16 de maio de 2021.

- SIMÕES, J. A. 2004. Homossexualidade masculina e curso da vida: pensando idades e identidades sexuais. In: PISCITELLI, A.; GREGORI, M. F. & CARRARA, S. *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond Universitária.
- SIMÕES, J. A. 1998. “A maior categoria do país”: o aposentado como ator político. In: BARROS, M. M. L. (org.). *Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas.
- SIMÕES, J. A. & FACCHINI, R. 2009. *Na trilha do arco-íris. Do movimento homossexual ao LGBT*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.
- SIQUEIRA, M. 2009. *Arrasando horrores! Uma etnografia das memórias, formas de sociabilidade e itinerários urbanos de travestis das antigas*. Doutorado em Antropologia Social. Florianópolis: PPGAS Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).
- SIQUEIRA, M. 2004. *Sou senhora: um estudo antropológico sobre travestis na velhice*. Mestrado em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis.